



PALHAÇO XUXU

Dias 22 e 23

Sábado e domingo, das 14h às 17h

Filho de família circense, começou aos quatro anos de idade em atividades no picadeiro: foi trapezista, acrobata, ciclista, domador, palhaço e diretor artístico dos circos Aquáriu e Real Miami.

O seu apelido circense veio do seu pai, também palhaço.

Trabalhou com os palhaços Carequinha - no Hotel Quitandinha, no Rio de Janeiro - e Arrelia (no programa Circo do Arrelia, transmitido pela TV Record). Foi o último companheiro do palhaço Piolin.

No raiar do século XIX, chegaram ao Brasil as primeiras famílias circenses, vindas em sua maioria da Europa. Com elas, veio também a novidade do circo moderno - esse circo itinerante, de picadeiro e lona, que oferece espetáculos de números variados reunindo artistas de diferentes especialidades. Quando essas famílias começaram a viajar pelo país, foram incorporando artistas e culturas regionais por onde o circo passava, diluindo assim o circo internacional em criações locais. No "abrasileiramento" do circo, o palhaço teve papel muito importante. Ele foi responsável pelo surgimento de toda uma dramaturgia e um cancionário que resultou na criação de um novo gênero de espetáculo circense, o circo-teatro, que se caracterizou por apresentar variedades circenses na primeira parte e teatro na segunda. Por esses motivos e outros, inclusive os que dizem respeito à psicologia do brasileiro, o palhaço acabou se tornando o personagem principal do espetáculo circense. Podemos até afirmar que, no Brasil, o palhaço se tornou o rei do circo. Nenhum mágico, trapezista, domador, acrobata, ou empresário, por mais sucesso que tenha alcançado, conseguiu superar o prestígio que alguns palhaços brasileiros alcançaram. Muitos deles extrapolaram os limites do picadeiro, gravaram discos, fizeram programas de televisão, filmes, peças teatrais, e tiveram seu talento reconhecido e aplaudido em todo o país e até fora dele.

Ao longo de quase dois séculos, a escola itinerante dos circos de lona formou linhagens diversas de palhaços no Brasil. Os palhaços homenageados nesta mostra são formados por essa escola, onde não há cartilha escrita - os conhecimentos são transmitidos oralmente, de geração a geração, de pai para filho. É por isso que a maioria deles descende de famílias tradicionais do circo, como Romiseta (Agostinho Blask), Xuxu (Franco Alves Monteiro), Condorito e Corchito (Fernando Pontiano Silva e Sonia Fátima Beltrán), Biribinha (Teófanês Silveira) e Picoly (Benedito Sbrano). Há também os que nasceram fora do circo, mas que a ele se integraram como se lá tivessem nascido. É o caso dos irmãos Cazarin, Bacalhau (José Odair) e Mingau (Osnir), que começaram vendendo doces no circo da família Sbrano; e Francisco Paulivan Ferreira dos Santos (Reco-Reco) que, ainda menino, se juntou ao circo J. Mariano como tratador de animais.

O que é muito interessante, e para isto chamo a atenção, é que as entradas e as reprises - que é como são chamadas as cenas de palhaço - apresentadas nesta mostra fazem parte de um repertório que vem sendo levado aos picadeiros brasileiros há mais de um século. Isso significa que o que me fez rir na infância, fez rir também minha avó e minha mãe quando meninas, e hoje, faz rir meu neto. O que me faz perguntar: será que os palhaços são eternos? Responda-me, público sempre respeitável do circo!

Verônica Tamaoki

Curadora do projeto Palhaços de Hoje e Sempre
Verônica é autora, com Roger Avanzi, o palhaço Picolino, do livro Circo Nerino,
curadora e coordenadora do Centro de Memória do Circo.